

Coleção: Linguagem/Crítica

Direção: Charlotte Galves
Eni Pulcinelli Orlandi

Conselho Editorial: Charlotte Galves
Eni Pulcinelli Orlandi (presidente)
Marilda Cavalcanti
Paulo Otoni

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

B413p
3.^a ed. Benveniste, Émile, 1902-1976.
Problemas de lingüística geral I ; tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri ; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. — 3.^a ed. — Campinas, SP : Pontes : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991 — (Linguagem crítica)

Bibliografia.

ISBN 85-7113-015-9

I. Lingüística I. Título. II. Série

88-1909

CDD-410

Índice para catálogo sistemático:
I. Lingüística 410

ÉMILE BENVENISTE

PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL I

Tradução:
Maria da Glória Novak
e
Maria Luiza Neri

Revisão do
Prof. Isaac Nicolau Salum

1991

proveito da frase verbal, introduz-se, às vezes, no próprio seio do verbo “ser” uma diferenciação. É o caso do espanhol com a clássica distinção entre *ser* e *estar*. Não é fortuito, sem dúvida, o fato de que a distinção entre *ser*, ser de essência, e *estar*, ser de existência ou de circunstância, coincide em ampla medida com a que indicamos entre a frase nominal e a frase verbal para um estado lingüístico muito mais antigo. Mesmo que não haja continuidade histórica entre as duas expressões, podemos ver no fato espanhol a manifestação renovada de um traço que marcou profundamente a sintaxe indo-européia. O emprego concorrente de dois tipos de asserção, sob formas diversas, constitui uma das soluções mais instrutivas para um problema que se apresentou em muitas línguas e, por vezes, em vários momentos da sua evolução.

CAPÍTULO 14

ativo e médio no verbo⁽¹²⁷⁾

A distinção entre ativo e passivo pode fornecer um exemplo de uma categoria verbal própria para desencaminhar os nossos hábitos de pensamento: parece necessária — e muitas línguas a ignoram; simples — e temos grandes dificuldades em interpretá-la; simétrica — e abunda em expressões discordantes. Nas nossas próprias línguas, nas quais essa distinção parece impor-se como uma determinação fundamental do pensamento, ela é tão pouco essencial ao sistema verbal indo-europeu que a vemos formar-se no decurso de uma história que não é tão antiga. Em lugar de uma oposição entre ativo e passivo, temos no indo-europeu histórico uma divisão tripla — ativo, médio, passivo —, que reflete ainda a nossa terminologia: entre a *ἐνέργεια* (= ativo) e o *πάθος* (= passivo), os gramáticos gregos instituíram uma classe intermediária, “médica” (*μεσότης*), que pareceria fazer a transição entre as duas outras, supostamente primitivas. A doutrina helênica, porém, não faz senão transpor em conceitos a particularidade de um certo estado de língua. Essa simetria das três “vozes” nada tem de orgânico. É claro que se presta a um estudo de sincronia lingüística, mas para um dado período da história do grego. No desenvolvimento geral das línguas indo-européias, os comparatistas estabeleceram há muito tempo que o passivo é uma modalidade do médio, do qual procede e com o qual guarda laços estreitos mesmo depois de constituir-se em categoria distinta. O estado indo-europeu do verbo caracteriza-se,

127. *Journal de psychologie*, jan.-fev. 1950, P.U.F.

assim, por uma oposição de duas diáteses somente, ativa e média, segundo a denominação tradicional.

É, então, evidente que a significação dessa oposição deve ser, dentro da categorização do verbo, totalmente outra do que se poderia imaginar, partindo de uma língua em que reina somente a oposição entre o ativo e o passivo. Não se trata de considerar a distinção “ativo-médio” como mais ou menos autêntica que a distinção “ativo-passivo”. Uma e outra são comandadas pelas necessidades de um sistema lingüístico, e o primeiro ponto está em reconhecer essas necessidades, inclusive a de um período intermediário em que médio e passivo coexistem. A tomarmos, porém, a evolução nas suas duas extremidades, vemos que uma forma verbal ativa se opõe em primeiro lugar a uma forma média, depois a uma forma passiva. Nesses dois tipos de oposição, estamos diante de categorias diferentes, e mesmo o termo que lhes é comum, o “ativo”, não pode ter, oposto ao “médio”, o mesmo sentido que tem se se opõe ao “passivo”. O contraste que nos é familiar entre ativo e passivo pode figurar-se — de forma um tanto grosseira, mas isso é suficiente, aqui — como o da ação agida e da ação sofrida. Em compensação, que sentido atribuiremos à distinção entre ativo e médio? É o problema que examinaremos sumariamente.

Convém medir bem a importância e a situação dessa categoria entre as que se exprimem no verbo. Toda forma verbal finita pertence necessariamente a uma ou outra diátese, e mesmo certas formas nominais do verbo (infinitivos, participios) igualmente se submetem. Equivale a dizer que tempo, modo, pessoa, número têm uma expressão diferente no ativo e no médio. Estamos realmente diante de uma categoria fundamental, que se liga, no verbo indo-europeu, às outras determinações morfológicas. O que caracteriza propriamente o verbo indo-europeu é o fato de só fazer referência ao sujeito, não ao objeto. Ao contrário do verbo das línguas caucasianas ou ameríndias, por exemplo, este não inclui nenhum índice que assinale o termo (ou o objeto) do processo. É impossível assim, diante de uma forma verbal isolada, dizer se é transitiva ou intransitiva, positiva ou negativa no seu contexto, se comporta um regime nominal ou pronominal, singular ou plural, pessoal ou não, etc. Tudo é apresentado e

ordenado com relação ao sujeito. Entretanto, as categorias verbais que se unem não são todas igualmente específicas: a pessoa se marca também no pronome; o número, no pronome e no nome. Restam, pois, o modo, o tempo e, acima de tudo, a “voz”, que é a diátese fundamental do sujeito no verbo; denota uma certa atitude do sujeito relativamente ao processo, e por meio dessa atitude esse processo se encontra determinado no seu princípio.

Sobre o sentido geral do meio, todos os lingüistas concordam mais ou menos. Rejeitando a definição dos gramáticos gregos, fundamo-nos hoje a distinção que Pāṇini, com admirável discernimento para o seu tempo, estabeleceu entre o *parasmaipada*, “palavra para uma outra” (= ativo), e o *ātmanepada*, “palavra para si” (= médio). Se a tomamos literalmente, vemos que de fato destaca oposições como as que cita o gramático hindu: sânscri. *yajati*, “ele sacrifica (para outro, enquanto sacerdote)” e *yajate*, “ele sacrifica (para si mesmo, como ofertante)”⁽¹²⁸⁾. Não poderíamos duvidar de que essa definição corresponde, grosso modo, à realidade. Falta, porém, que se aplique tal qual a todos os fatos, mesmo em sânscri, e que analise as acepções bastante diversas do médio. Quando se abarca o conjunto das línguas indo-européias, os fatos surgem às vezes tão difíceis de apreender, que, para cobri-los todos, devemos contentar-nos com uma fórmula bastante vaga, que se encontra mais ou menos idêntica em todos os comparatistas: o médio indicaria somente uma certa relação da ação com o sujeito, ou um “interesse” do sujeito na ação. Parece que não se pode precisar mais, a não ser mostrando empregos especializados, em que o médio favoriza uma acepção restrita, que é ou possessiva ou reflexiva ou recíproca, etc. Somos assim levados de uma definição muito geral a exemplos muito particulares, divididos em pequenos grupos e já diversificados. Têm certo ponto em comum, essa referência ao *ātman*, ao “para si” de Pāṇini, mas escapa ainda à natureza lingüística dessa referência, sem a qual o sentido da diátese corre o risco de não ser mais que um fantasma.

128. Utilizamos neste artigo, de propósito, os exemplos que são citados em todos os trabalhos de gramática comparada.

Essa situação dá à categoria da “voz” algo de singular. Não é o caso de nos admirarmos de que as outras categorias verbais — modo, tempo, pessoa, número — admitam definições bastante precisas enquanto a categoria básica — a diátese verbal — não se deixa delimitar com algum rigor? Ou será que ela já se obliterava antes da constituição dos dialetos? É pouco provável, a julgar pela constância do uso e das numerosas correspondências que se estabelecem de uma língua a outra na distribuição das formas. Devemos, então, perguntar-nos por onde abordar o problema e quais são os fatos mais próprios para ilustrar essa distinção da “voz”.

Os lingüistas concordaram até hoje em julgar, explicitamente ou não, que o médio se devia definir a partir das formas — e são numerosas — que admitem as duas séries de desinências, como sânschr. *yajati* e *yajate*, gr. *ποιεῖ* e *ποιεῖται*. O princípio é irreprensível, mas só atinge acepções já restritas, ou uma significação de conjunto bastante frouxa. Entretanto, esse método não é o único possível, pois a faculdade de receber as desinências ativas ou as desinências médias, por mais geral que seja, não é inerente às formas verbais. Há um certo número de verbos que possuem apenas uma série de desinências; uns são ativos somente, os outros, somente médios. Ninguém ignora essas classes dos *actiua tantum* e dos *media tantum*, mas os deixamos à margem das descrições⁽¹²⁹⁾. Não são, no entanto, nem raros nem insignificantes. Para lembrar apenas uma prova, temos nos depoentes do latim uma classe inteira de *media tantum*. Podemos presumir que esses verbos de diátese única eram tão caracterizados ou como ativos ou como médios que não podiam admitir a dupla diátese a que os outros verbos eram susceptíveis. Ao menos a título de experiência, devemos procurar saber por que permaneceram irredutíveis. Não temos mais, então, a possibilidade de confrontar as duas formas de um mesmo verbo. É necessário

129. Que eu saiba, só Delbrück, *Vergl. Synt.*, II, p. 412 ss., os põe na base da sua descrição. No entanto, dividiu os fatos em pequenas categorias semânticas em vez de visar a uma definição geral. Procedendo assim, não acarretamos a afirmação de que esses verbos de diátese única preservam necessariamente um estado mais antigo que os verbos de diátese dupla.

proceder por comparação de duas classes de verbos diferentes, para ver o que torna cada uma inadequada à diátese da outra.

Dispomos de certo número de fatos seguros, graças à comparação. Enumeraremos concisamente os principais verbos representados em cada uma das duas classes.

I. — São somente ativos: ser (sânschr. *asti*, gr. *ἔστι*); ir (sânschr. *gachati*, gr. *βαίνει*); viver (sânschr. *jivati*, lat. *uiuit*); escorrer (sânschr. *sravati*, gr. *ρεῖ*); rastejar (sânschr. *sarpati*, gr. *έρπει*); recuar (sânschr. *bhujati*, gr. *φάγει*); soprar (falando do vento, sânschr. *vāti*, gr. *άησ*); comer (sânschr. *atti*, gr. *έδει*); beber (sânschr. *pibati*, lat. *bibit*); dar (sânschr. *dadāti*, lat. *dat*).

II. — São somente médios: nascer (gr. *γίγνομαι*, lat. *nascor*); morrer (sânschr. *mriyate*, *marate*, lat. *morior*); seguir, ligar-se a um movimento (sânschr. *sacate*, lat. *sequor*); ser senhor (av. *xšayete*, gr. *κτάομαι*, e sânschr. *patyate*, lat. *potior*); estar deitado (sânschr. *śete*, gr. *κειμαι*); estar sentado (sânschr. *āste*, gr. *ήμαι*); voltar para um lugar familiar (sânschr. *nasate*, gr. *νέομαι*); desfrutar, ter proveito (sânschr. *bhūṅkte*, lat. *fungor*, cf. *fruor*); sofrer, suportar (lat. *patior*, cf. gr. *πένομαι*); sentir uma agitação mental (sânschr. *manyate*, gr. *μαίνομαι*); tomar medidas (lat. *medeor*, *meditor*, gr. *μήδομαι*); falar (lat. *loquor*, *for*, cf. gr. *φάτο*), etc. Limitamo-nos nessa classe e na outra a realçar os verbos cujo acordo em ao menos duas línguas garante a diátese antiga e que a conservam no uso histórico. Seria fácil alongar a lista com a ajuda de verbos que são, em cada língua, especificamente médios, como sânschr. *vardhate*, “crescer”; *cyavate* (cf. gr. *σέομαι*), “abalar-se”; *prathate*, “alargar-se”; ou gr. *δύναμαι*, *βούλομαι*, *έραμαι*, *έλλπομαι* *άδομαι*, *άζομαι* [= “poder querer, amar, esperar, ter pudor, temer”], etc.

Dessa confrontação se destaca de maneira bem clara o princípio de uma distinção propriamente lingüística, referente à relação entre o sujeito e o processo. No ativo, os verbos denotam um processo que se efetua a partir do sujeito e fora dele. No médio, que é a diátese que se definirá por oposição, o verbo indica um processo do qual o sujeito é a sede; o sujeito está no interior do processo.

Essa definição vale sem consideração da natureza semântica dos verbos examinados; verbos de estado e verbos de ação estão igualmente representados nas duas classes. Não se trata, portanto,

absolutamente de fazer coincidir a diferença entre o ativo e o médio com a diferença entre os verbos de ação e os verbos de estado. Outra confusão que se deve evitar é a que poderia nascer da representação “instintiva” que formamos de certas noções. Pode parecer-nos surpreendente, por exemplo, que “ser” pertença aos *actiua tantum*, da mesma forma que “comer”. Esse é um fato, porém, e precisamos conformar com ele a nossa interpretação: “ser” é no indo-europeu, como “ir” ou “escorrer”, um processo em que a participação do sujeito não é requerida. Em face dessa definição que não pode ser exata a não ser na medida em que é negativa, a do médio contém traços positivos. Aqui o sujeito é o lugar do processo, mesmo se esse processo, como no caso do lat. *fruur* ou do sânscr. *manyate*, exige um objeto; o sujeito é centro ao mesmo tempo que ator do processo; cumpre algo que se cumpre nele, nascer, dormir, jazer, imaginar, crescer, etc. É bem interior ao processo do qual é agente. Daí, suponhamos que um verbo tipicamente médio como o gr. *κοιμᾶται*, “ele dorme”, seja dotado secundariamente de uma forma ativa. O resultado, na relação do sujeito com o processo, será uma mudança tal que o sujeito, tornando-se exterior ao processo, será o seu agente, e que o processo, não tendo mais o sujeito como lugar, será transferido para outro termo que se tornará no seu objeto. O médio se converterá em transitivo. É o que se produz quando *κοιμᾶται*, “ele dorme”, fornece *κοιμᾷ*, “ele adormece (alguém)”; ou quando o sânscr. *vardhate*, “ele cresce”, passa a *vardhati*, “ele aumenta (algo)”. A transitividade é o produto necessário dessa conversão do médio a ativo. Assim se constituem, a partir do médio, ativos que se denominam transitivos ou causativos ou factitivos e que se caracterizam sempre pelo fato de que o sujeito, posto fora do processo, o comanda a partir daí como ator, e que o processo, em vez de ter o sujeito por sede, deve tomar um objeto como fim: *ἐλπιομαι*, “eu espero” > *ἐλπῶ*, “produzo esperança (num outro)”; *ὀρχέομαι*, “eu danço” > *ὀρχέω*, “faço dançar (um outro)”.

Se, agora, voltarmos aos verbos de dupla diátese, que são de longe os mais numerosos, comprovaremos que a definição analisa aqui também a oposição *ativo : médio*. Desta vez, porém, é pelas formas do mesmo verbo e na mesma expressão semântica que o contraste se estabelece. O ativo, então, não é mais somente

a ausência do médio, é realmente um ativo, uma produção de ato, revelando mais claramente ainda a posição *exterior* do sujeito relativamente ao processo; e o médio servirá para definir o sujeito como *interior* ao processo: *δῶρα φέρει*, “ele carrega presentes”: *δῶρα φέρεται*, “ele carrega presentes que o implicam a ele mesmo (= ele carrega presentes que recebeu)”; — *νόμους τιθέναι*, estabelecer leis”: *νόμους τιθέσθαι*, “estabelecer leis incluindo-se (= dar-se leis)”; — *λυέει τὸν ἵππον*, “ele solta o cavalo”; *λύεται τὸν ἵππον*, “ele solta o cavalo afetando-se por esse fato” (donde ressalta que esse cavalo é o *dele*); — *πόλεμον ποιεῖται*, “ele faz a guerra da qual participa”, etc. Pode-se diversificar o quanto se queira o jogo dessas oposições, e o grego usou delas com extraordinária flexibilidade; elas voltam sempre definitivamente a situar as posições do sujeito em face do processo, segundo ele seja aí exterior ou interior, e a qualificá-lo enquanto agente, segundo ele efetue, no ativo, ou efetue afetando-se, no médio. Parece que essa formulação corresponde tanto à significação das formas como às exigências de uma definição, ao mesmo tempo que nos dispensa de recorrer à noção, difícil de apreender e, aliás, extralingüística, de “interesse” do sujeito no processo.

Essa redução a um critério puramente lingüístico do conteúdo da oposição acarreta várias conseqüências. Uma tem de ser indicada aqui. A presente definição, se tiver valor, deverá conduzir a uma nova interpretação do passivo, na própria medida em que o passivo depende do “médio” do qual representa historicamente uma transformação, que, por sua vez, contribui para transformar o sistema que o acolhe. Esse, porém, é um problema que não pode ser discutido por alto. Para permanecermos dentro dos seus limites, devemos indicar o lugar ocupado por essa diátese no sistema verbal indo-europeu e os fins para os quais é empregada.

Tão forte é a sugestão que emana da terminologia tradicional que é difícil imaginar como necessária uma oposição que funcione entre uma forma “ativa” e uma forma “média”. Mesmo o lingüista pode ter a impressão de que semelhante distinção permanece incompleta, coxa, um tanto bizarra e, em todo caso, gratuita quanto à simetria reputada inteligível e satisfatória entre o “ativo” e o “passivo”. Se, porém, conviermos em substituir aos termos

ativo e médio as noções de “diátese externa” e “diátese interna”, essa categoria encontrará mais facilmente a sua necessidade no grupo das que a forma verbal encerra. A diátese associa-se às marcas da pessoa e do número para caracterizar a desinência verbal. Temos, assim, reunidas num mesmo elemento, um conjunto de três referências que, cada uma à sua maneira, situam o sujeito relativamente ao processo e cujo agrupamento define aquilo a que se poderia chamar o campo posicional do sujeito: a pessoa, segundo o sujeito entre na relação de pessoa “eu-tu” ou seja “não-pessoa” (na terminologia usual, *terceira pessoa*)¹³⁰; o número, segundo seja individual ou plural; finalmente a diátese, segundo seja exterior ou interior ao processo. Essas três categorias fundidas num elemento único e constante, a desinência, distinguem-se das oposições modais, que se marcam na estrutura do tema verbal. Há, assim, solidariedade dos morfemas com as funções semânticas que encerram, mas ao mesmo tempo há distribuição e equilíbrio das funções semânticas através da estrutura delicada da forma verbal: as que pertencem à desinência (portanto também a diátese) indicam a relação do sujeito com o processo, enquanto as variações modais e temporais próprias do tema afetam a própria representação do processo, independentemente da situação do sujeito.

Para que essa distinção das diáteses tenha tido no indo-europeu uma importância igual à da pessoa e à do número, é preciso que tenha permitido realizar oposições semânticas que não tinham outra expressão possível. Comprova-se, de fato, que as línguas de tipo antigo tiraram partido da diátese para vários fins. Um é a oposição, notada por Pāṇini, entre o “para outro” e o “para si”, nas formas, acima citadas do tipo sânscr. *yajati* e *yajate*. Nessa distinção absolutamente concreta e que conta com bom número de exemplos, vemos não mais a fórmula geral da categoria mas somente uma das maneiras pelas quais foi utilizada. Há outras, igualmente reais: por exemplo, a possibilidade de obter certas modalidades do reflexivo, para assinalar processos que afetam fisicamente o sujeito, sem que, no entanto, o sujeito

130. Essa distinção está justificada num artigo do *Bull. Soc. Ling.*, XLIII (1946), p. 1 ss. V. adiante o cap. 18.

se tome a si mesmo por objeto; noções análogas às do fr. *s'emparer de, se saisir de*, “apoderar-se de”, “apanhar”, capazes de se matizar de maneira diversa. Finalmente, as línguas efetuaram, com a ajuda dessa diátese, oposições lexicais de noções polares nas quais um mesmo verbo, pelo jogo das desinências, podia significar ou “tomar” ou “dar”: sânscr. *dāti*, “ele dá”: *ādāte*, “ele recebe”; gr. *μισθοῦν*, “dar em aluguel”: *μισθοῦσθαι*, “tomar em aluguel”; — *δανείζειν*, “emprestar”: *δανείζεσθαι*, “tomar emprestado”; lat. *licet* “(o objeto) é posto em leilão”: *licetur*, “(o homem) arremata em leilão”. Noções importantes quando as relações humanas se fundam sobre a reciprocidade das prestações privadas ou públicas, numa sociedade onde é preciso competir para obter.

Assim se organiza em “língua” e em “palavra” uma categoria verbal da qual tentamos esboçar, com a ajuda de critérios lingüísticos, a estrutura e a função semânticas, partindo das oposições que as manifestam. Está dentro da natureza dos fatos lingüísticos, uma vez que são signos, o fato de se realizarem em oposições e somente assim significarem.